

trilhas



para futuros



Os caminhos da Proteja sobre
comunicação popular, cultura
e clima para fortalecer lutas
por Terra e Território e
disputar futuros.

aproteja.org



a proteja



mãos que constroem esta trilha

Jornada de Comunicação Popular | 2023 - 2024
Circuito Proteja | 2025

Realização

aProteja

Diretoria Instituto
aProteja.org

**Midori Hamada
Caio Mota
Dellius Fernandes**

Coordenação
e metodologia

**Midori Hamada
Caio Mota**

Articulação Institucional

**Midori Hamada
Caio Mota**

Organizações aliadas

Articulação Brasileira de Indígenas Jornalistas (Abrinor) • Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) • Articulação Nacional das Mulheres Indígenas Guerreiras da Ancestralidade (ANMIGA) • CasaCinco Criações • Coletivo Difusão • Coletivo Miriã Mahsã • Comissão Pastoral da Terra (CPT) • Conselho Indígena Tapajós e Arapiuns (CITA) • Coordenação das Organizações e Articulações dos Povos Indígenas do Maranhão (COAPIMA) • Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB) • Instituto Clima e Sociedade (ICS) • Movimento dos Atingidos por Barragens de Mato Grosso (MAB/MT) • União dos Povos Indígenas do Vale do Javari (UNIVAJA)

Apoio Institucional

Instituto Clima e Sociedade (ICS)

Sistematização e
produção dos textos

**Midori Hamada
Caio Mota**

Imagens da publicação

**Ahmad Jarrah
Alonso Junior
Caio Mota
Daniella Alvarenga
Kamikia Kisedje
Than Pataxó
Tukumã Pataxó**

Relatoria

**Midori Hamada
Cássio Cabral**

Gestão administrativa

**Midori Hamada
Sarah Barbosa
Dellius Fernandes
Cássio Cabral**

Identidade visual

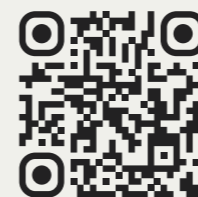
Flora Milanez

Diagramação

Elías Pinheiro

Sumário

1. Abrir caminhos	4
2. Trilha percorrida.....	6
3. O chão que caminhamos	9
4. Nossa Jornada para formar, informar e mobilizar	18
5. Nosso Circuito	28
6. Territórios de aprendizagem	36
7. Reflexões que nasceram do caminho	37
8. O que segue em movimento	43



aproteja.org



a proteja
o futuro se faz em luta



1. abrir caminhos

O que vem pela frente floresce das nossas experiências e orienta o que a gente faz agora para disputar futuros. Esta publicação faz parte das trilhas que caminhamos nesse chão da luta que decidimos percorrer para fortalecer lutas por Terra e Território.

Ela reúne um percurso construído por nós, da Proteja, junto a organizações, movimentos, comunicadoras e comunicadores, artistas, lideranças e territórios em luta, ao longo de um ciclo apoiado pelo Instituto Clima e Sociedade (ICS). Nestas páginas buscamos compartilhar um acúmulo vivo das nossas experiências e aprendizados em torno da comunicação popular como instrumento de fortalecimento das lutas.

Entre 2023 e 2025, a gente foi construindo esse caminho com muita gente junto. Colocamos na rua nossa Jornada de Comunicação Popular, um ciclo de ações que fortaleceu espaços de troca de experiências e organizou o que já fazíamos na prática, fortalecendo redes e dando mais forma à nossa maneira de trabalhar com comunicação popular, o que também podemos chamar de metodologia. Apoiamos encontros estratégicos, construímos campanhas, fortalecemos ações de fortalecimento organizacional dos grupos que estão na linha de frente dos enfrentamentos de violência por terra e território, construímos materiais estratégicos e fortalecemos mobilizações sociais.

Nesse mesmo percurso, nasceu o Circuito Proteja. Uma proposta que buscamos juntar comunicação popular, clima e cultura em ações concretas, em 2025. Esse movimento se estruturou em um momento atravessado pela Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, a COP30, que colocou o debate climático no centro das disputas. A gente ampliou o que vinha sendo construído na Jornada, apoiando organizações aliadas em seus planejamentos e fortalecendo iniciativas conectadas com a agenda climática, além de promover ações de mobilização que ajudam a organizar caminhos a partir dos territórios.

O FUTURO SE FAZ EM LUTA! Por isso, este material é uma memória política de travessia. Um esforço de reunir marcas de um percurso que não tem previsão nem pretensão de encerrar.

Ah, já estávamos esquecendo

Estamos falando aqui de parte das nossas ações, então se você já é nossa aliada ou já conhece nosso trabalho, é um prazer ter você por perto lendo este material. Mas se está chegando agora, te convidamos a acessar nosso canal aproteja.org e se aproximar ainda mais da gente. Nossos contatos também estão por lá caso queira trocar uma ideia. Vai ser um prazer trocar contigo. Bora!

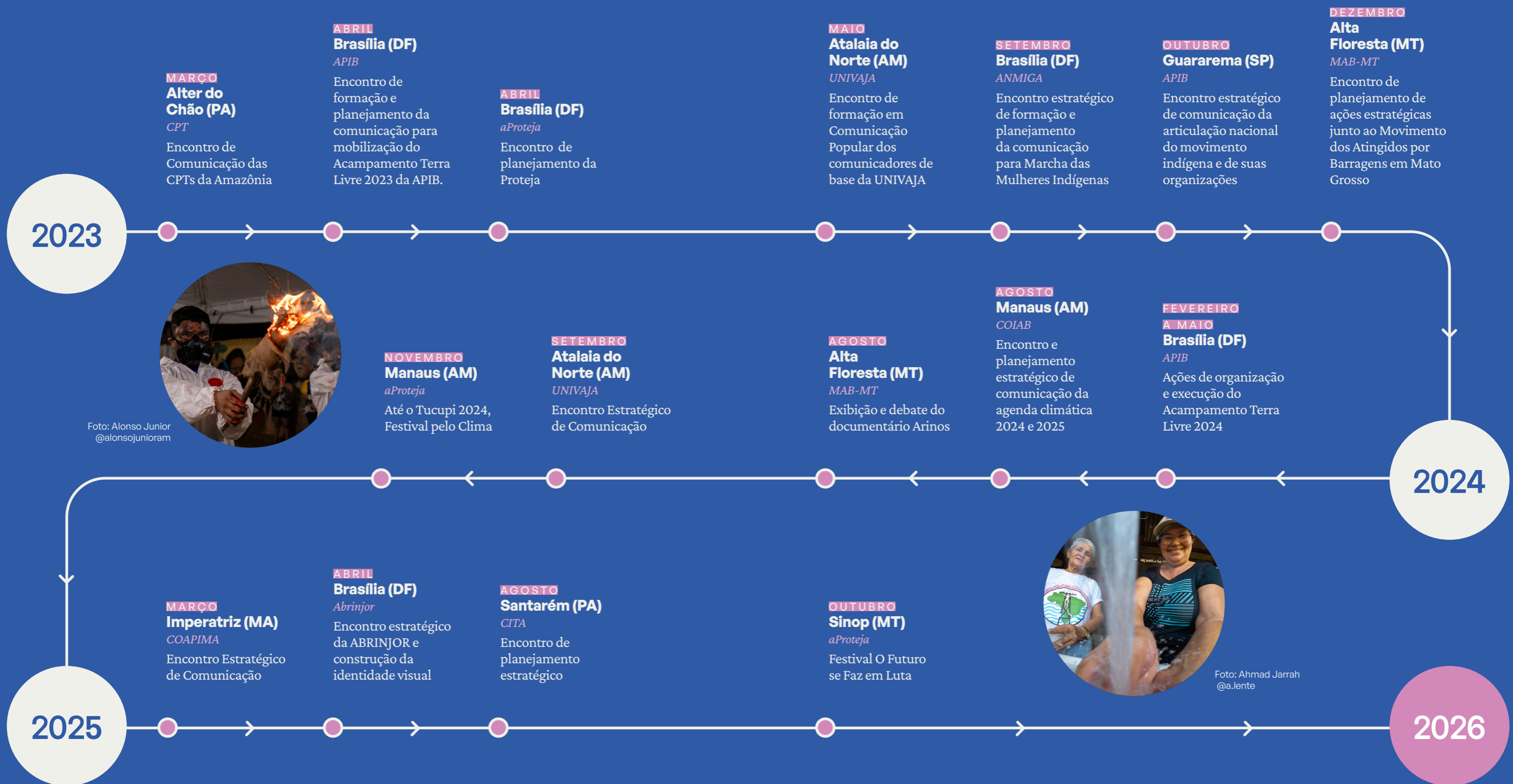
Ao longo dessas páginas, o que oferecemos é um convite ao encontro. Um gesto de caminhar junto com o que vivemos, com o que construímos em coletivo e com o que aprendemos ao lado de quem resiste todos os dias à destruição dos territórios, à violência, ao apagamento das memórias e às falsas soluções vendidas como saída.

Esta publicação existe porque houve apoio que garantiu o tempo necessário para fazer o trabalho com cuidado. Esse tempo abriu espaço para uma escuta mais próxima e para processos construídos junto com quem está nos territórios. Em um cenário marcado pela pressa, isso sustentou a continuidade das ações e fortaleceu nossa presença junto às redes e organizações que seguem na luta pela vida. Seguimos acreditando que as trilhas que caminhamos nos levam ao futuro que queremos e disputamos. O que vem pela frente nasce no chão que a gente pisa e nas lutas que seguimos construindo juntos. É isso que mantém a gente em movimento.

2. trilha percorrida

As trilhas que percorremos ao longo de 2023 e 2025. Nosso resumo desse percurso:

Jornada de Comunicação Popular



3. o chão que caminhamos

Nossa maneira de trabalhar com comunicação foi ganhando forma ao longo da caminhada, especialmente com a **Jornada de Comunicação Popular**. Foi nesse processo que conseguimos organizar melhor o que já fazíamos na prática, fortalecendo trocas, ampliando redes e dando mais nitidez ao que orienta nossas ações. A metodologia que chamamos de O chão que caminhamos carrega esse acúmulo vivo, que surge das lutas das quais fazemos parte e reúne aprendizados voltados ao fortalecimento dessas mesmas lutas.

Nos inspiramos na perspectiva freiriana para compreender o horizonte de construção da nossa ação política e ética, que orienta nossa metodologia. Bebemos das fontes de ensinamentos de Paulo Freire para organizar a dinâmica de que aprender e agir caminham juntos, sempre a partir da leitura vivida da realidade concreta. Aprendemos e ensinamos em um processo de troca, deixando de lado a arrogância de apresentar metodologias como receitas prontas. Em tempos em que para todo assunto surge alguém querendo cagar uma regra, numa perspectiva ‘coach’, nos distanciamos disso de forma intencional e apresentamos nossa visão de metodologia como uma contribuição ao debate público sobre processos de aprendizagem em comunicação popular, a partir da nossa experiência, por convicção de que a troca é o caminho mais potente para construir aprendizado.

O **chão que caminhamos** foi construído nos encontros e nas trocas de experiências com as pessoas que reconhecemos como aliadas políticas, nas vivências em mobilizações, processos de planejamento, assembleias, atividades formativas, rodas de conversa e campanhas de incidência política. Por isso, a **Jornada de Comunicação Popular** teve tanta importância para nós. Foi nesse processo que fomos dando forma ao nosso entendimento de metodologia, a partir da escuta atenta, do envolvimento com as lutas e da construção de relações de confiança, organicidade e responsabilidade política.

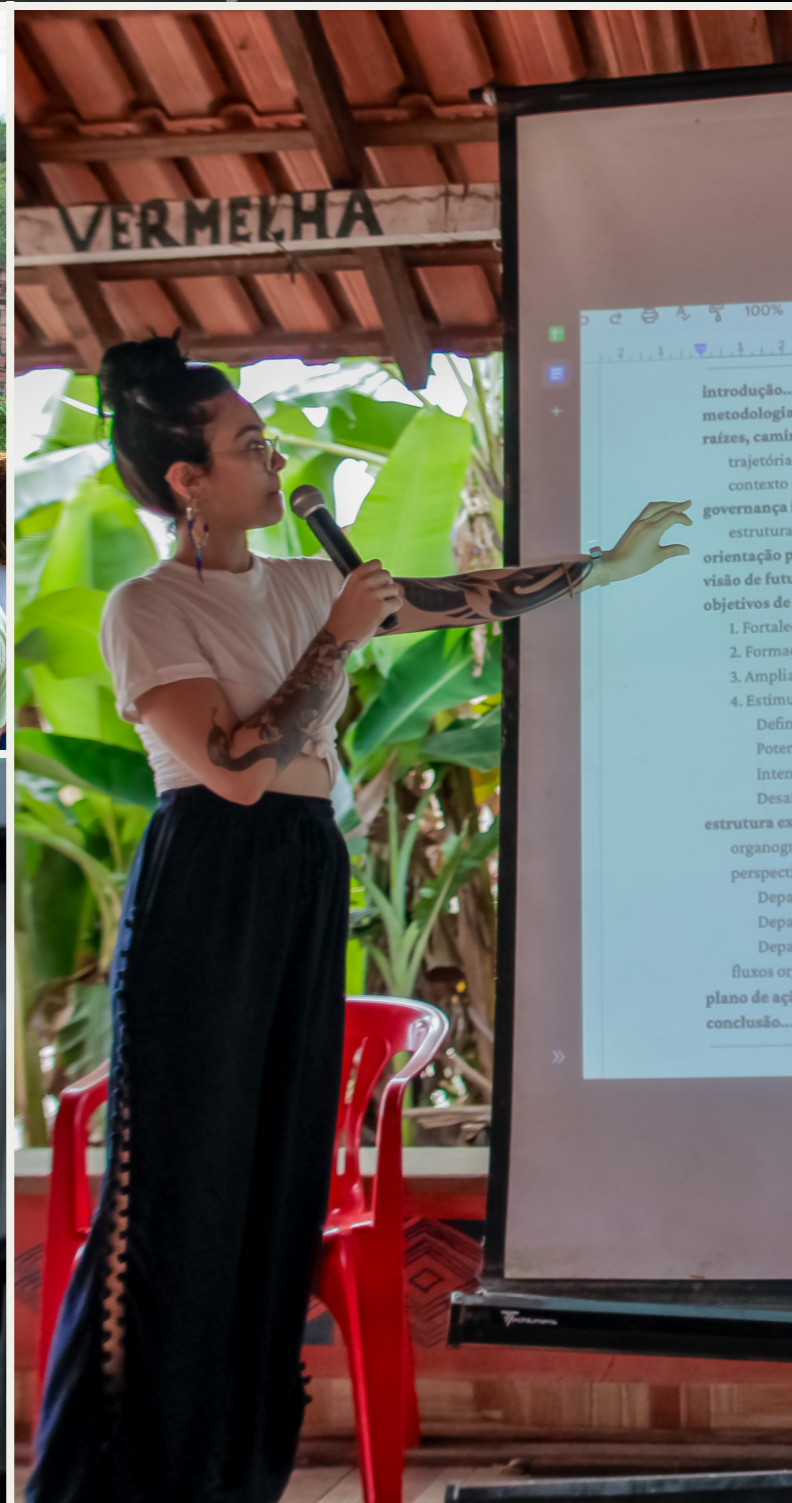
Nesse caminho também nos orientamos pelo **cuidado**, entendido como base para sustentar a continuidade das lutas e fortalecer as relações construídas ao longo do tempo. Essa compreensão dialoga com a perspectiva de Leonardo Boff, que trata o cuidado como um princípio ético ligado à preservação da vida e à convivência.

Ao longo desse percurso, reunimos referências que ajudam a compartilhar como atuamos, abrindo espaço para reflexão e apropriação crítica por quem constrói junto.

O chão que caminhamos expressa nossa posição no mundo. Considera que cada organização com a qual atuamos ao longo da nossa trajetória tem sua própria história, seus modos de decisão, seus tempos e seus saberes. A comunicação se integra à vida política dos grupos, fortalece vínculos, ajuda a cuidar da memória e atua na disputa de sentidos. Como orienta a experiência de luta do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), a comunicação forma, informa e mobiliza. É nesse movimento de percorrer trilhas que ensinam, que nossa metodologia ganha força e contribui para fortalecer lutas populares por terra e território.



Foto: Alonso Junior | @alonsojunioram



Como fazemos

A comunicação popular, para nós, não é uma receita pronta nem uma técnica replicável. É um caminho que se faz andando, ou, como gostamos de dizer, um chão que se revela quando pisado com cuidado e compromisso. Partimos do entendimento de que a comunicação é uma prática de liberdade. Isso nos ajuda a fugir de uma visão que reduz a comunicação a “produtos” e a olhar para a base que orienta cada ação, carregando as intenções políticas do que se quer provocar tanto dentro das organizações quanto nos diferentes públicos que se deseja alcançar. Nesse sentido, compartilhamos alguns pontos-chave que orientam as ações realizadas ao longo da nossa trajetória com a Jornada de Comunicação Popular e o Circuito Proteja.



Escutar para construir junto

Nosso trabalho começa pela escuta. A comunicação popular que praticamos floresce no encontro com o outro. É regada pelo desejo de escutar para aprender e caminhar junto. A escuta atravessa todo o processo como um método contínuo. Escutar é compreender o contexto, reconhecer acúmulos, identificar tensões e criar condições para que o pensamento coletivo se organize. É o que nos permite partir da vivência real dos movimentos, e não de modelos prontos.



Confiança e organicidade no processo

Cada organização tem sua história, sua organicidade, seus ritmos e seus modos de decidir. Trabalhar junto exige vínculo, confiança e respeito aos processos políticos de cada luta. Chegamos para somar, com atenção aos saberes e às trajetórias de cada grupo. Cada processo pede seu próprio tempo e suas próprias formas de cuidado. A forma como fazemos orienta o sentido do que construímos. Por isso, escolhemos o trabalho de base e a organicidade como posição política, cultivando relações que se fortalecem com o tempo e abrem espaço para construir caminhos possíveis. Na nossa jornada, mais importante do que ir até um território é voltar. O retorno sustenta a continuidade e mostra que as trilhas que percorremos são caminhos de ida e volta, construídos a partir de relações de confiança.



Facilitar sem substituir

Nas ações da Jornada e do Circuito, atuamos junto aos grupos como aliados de luta. Em muitos momentos, contribuimos com processos de facilitação e com a organização metodológica e política das atividades, apoiando a construção dos caminhos e a sustentação dos processos coletivos. Nossa atuação parte do reconhecimento de que o protagonismo está nas organizações. Nosso papel é ajudar a criar condições para que esse protagonismo se fortaleça, contribuindo para a organização das ideias e das visões políticas que orientam as estratégias de atuação, sempre em diálogo com quem está diretamente envolvido na organização dos grupos.



Memória que orienta a ação

Entendemos que ação e reflexão caminham juntas, e por isso os registros e as sistematizações fazem parte central da nossa metodologia. A cada atividade, organizamos as contribuições e devolvemos os debates ao grupo, ajudando a dar forma ao que foi construído coletivamente. Esse processo fortalece a compreensão comum e amplia a apropriação de quem está envolvido. A memória que se constrói orienta os próximos passos e sustenta a continuidade das ações. Assim, a experiência se transforma em elaboração viva, capaz de orientar novas práticas. Os materiais que surgem desse processo precisam ser entendidos como materiais que seguem em uso, sendo revisitados e atualizados ao longo do tempo, conforme a caminhada avança, mantendo conexão com o cotidiano das lutas e com as táticas que vão sendo construídas no trajeto.

O que orienta nossa prática



Contra-narrativas

Diante da invisibilidade imposta pelos grandes grupos de mídia e pela lógica dominante da comunicação, a comunicação popular abre espaço para a construção de contra-narrativas. Ela denuncia violências combatendo apagamentos e informações falsas. Também afirma as lutas históricas e os processos de resistência que sempre existiram. Esse movimento provoca que a disputa de narrativas seja produzida a partir das experiências de lutas de cada organização.

Foto: Alonso Junior | @alonsojunioram



Comunicar é tomar partido

A comunicação nunca é neutra, ela expressa escolhas e interesses. Quando a vida está em jogo, junto com a diversidade cultural, os modos de vida dos povos e os territórios, a comunicação assume um papel direto no enfrentamento às violências do capital, ao racismo, ao colonialismo, às violências de gênero e às perseguições contra a diversidade sexual e o pensamento político. Nesse contexto, a ideia de imparcialidade atua como argumento que protege interesses dominantes e enfraquece ações de luta e resistência, ao deslegitimar vozes, criminalizar movimentos sociais e atacar lideranças. A comunicação popular precisa ser transparente sobre seus compromissos éticos e políticos. Tomar partido, aqui, é compromisso com as lutas sociais e com a disputa de futuros.



A voz dos povos em primeiro plano

A comunicação popular se constrói a partir do protagonismo dos povos, garantindo que suas próprias palavras, valores, línguas e visões de mundo orientem as narrativas. Seu papel é criar condições para que essas vozes e ações circulem com força e alcancem as pessoas que precisam estar informadas sobre o que acontece, fortalecendo a presença política das lutas sociais na disputa de sociedade.

Foto: Alonso Junior | @alonsojunioram



Comunicação que mobiliza

A comunicação se realiza como ação coletiva. Ela convoca, organiza, forma e movimenta a luta, conectando pessoas, fortalecendo vínculos e criando caminhos de articulação. A informação ganha ainda mais sentido quando se transforma em prática e se traduz, em diferentes formatos, em conteúdos que contribuem para impulsionar processos concretos e sustentar a organização coletiva.

Princípios do chão que caminhamos

- escutar antes de propor
- construir junto, não aplicar de fora
- comunicar é tomar partido
- fortalecer protagonismos, não substituí-los
- respeitar a estrutura política dos movimentos
- comunicar com as bases políticas, não apenas para fora. Falar com a bolha também é importante.
- transformar denúncia em mobilização
- sistematizar processos para fortalecer memória e continuidade

Comunicação se organiza com a luta



Movimentos são capilares

As organizações sociais que lutam pela defesa de modos de vida e territórios, sejam urbanos ou não, se estruturam a partir de lógicas próprias, orientadas por princípios coletivos e por formas próprias de representatividade e tomada de decisão. Quando propomos a comunicação popular, entendemos que ela exige uma abordagem capilar, atuando de forma sensível às diferentes escalas da luta e mantendo conexão direta com as bases sociais e políticas de cada grupo, onde a vida e a organização acontecem.



O tempo da luta não é o tempo das redes digitais

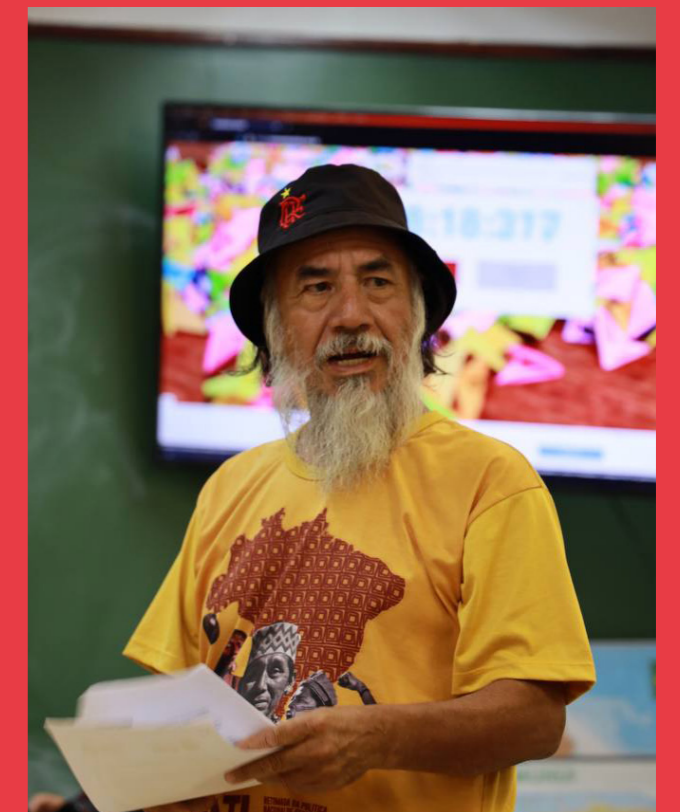
A proposta política das empresas que controlam as principais redes digitais molda o uso da internet e influencia milhões de pessoas, criando uma pressão constante e uma sensação de urgência que nos coloca em um estado permanente de atraso. Esse tempo, guiado por interesses empresariais, não corresponde ao tempo da luta e da resistência. A força da comunicação popular está em manter coerência com os processos coletivos, com os debates internos e com o propósito político das organizações. A partir disso, organizamos táticas que fortalecem a estratégia e permitem ocupar, com inteligência, diferentes espaços de influência, incluindo as redes digitais.

Foto: Alonso Júnior | @alonsojunioram




Comunicação não é tarefa só dos comunicadores

A comunicação popular se constrói como parte da vida política das organizações sociais e envolve diferentes sujeitos que fazem a luta acontecer. O Chão que caminhamos propõe um debate sobre a divisão de responsabilidades, para que a comunicação não fique restrita a um papel técnico. Em muitos casos, essa função recai sobre a juventude, que traz força e capacidade, mas que também precisa de formação política contínua e de compartilhamento de responsabilidades na construção das estratégias. Nesse sentido, reforçamos a importância de que as lideranças que atuam na coordenação tenham participação ativa na definição dos caminhos da comunicação. A comunicação se organiza a partir dos espaços coletivos de decisão, conectada à estratégia, à formação política e ao horizonte que orienta a ação. Quando incorporada de forma transversal no cotidiano das organizações, fortalece a leitura de contexto, amplia a participação e sustenta processos coletivos com mais consistência e direção.



Sem base política, não há comunicação popular




Fortalecer por dentro

A comunicação popular não pode existir só para fora. Ela precisa fortalecer a organização interna, a circulação de informação, o vínculo com as bases e a vida política dos grupos. Quando a comunicação não dialoga com quem faz a luta no dia a dia, ela se enfraquece.



Ouvir antes de decidir


A base política das organizações não pode ser apenas quem recebe a mensagem. A comunicação popular propõe a criação de espaços de escuta e participação real, fortalecendo o engajamento político das pessoas e grupos que compõem a governança de cada organização. O Chão que caminhamos reforça o papel mobilizador da comunicação popular, ampliando o engajamento para além das redes digitais e atuando de forma central na organização da estratégia política, conectando pessoas e fortalecendo vínculos para impulsionar a ação coletiva.



Fechar o ciclo da comunicação

Ouvir é só o começo. É preciso devolver, compartilhar, prestar retorno e garantir que as informações e decisões circulem de volta para quem ajudou a construir o processo. Sem devolutiva, a comunicação se rompe.

Foto: Ahmad Jarrad | @a.lente



A palavra como prática de autonomia

Quando as organizações sociais podem narrar suas próprias histórias e lutas, e se reconhecerem na comunicação, a palavra deixa de ser instrumento de controle e passa a ser ferramenta de autonomia política.

Foto: Ahmad Jarrad | @a.lente



Foto: Tukumã Pataxó | APIB






4. Nossa Jornada para formar, informar e mobilizar

A Jornada de Comunicação Popular integra nossa trajetória como uma caminhada construída a partir das experiências que vivemos junto a organizações em luta por terra, território e modos de vida. Desde 2023, passamos a organizar esse percurso como um conjunto de ações estratégicas, articuladas a partir de convites de diferentes organizações sociais para fortalecer a comunicação desses grupos como parte central de suas organizações políticas.

A Jornada foi sendo trilhada nesses espaços, a partir da confiança construída com cada organização, o que nos permitiu fortalecer nossas metodologias e fazer florescer a proposta do Chão que caminhamos, aperfeiçoada ao longo dos encontros. Esses processos partiram da escuta das realidades de cada grupo e criaram espaços de aprendizado a partir da troca, sustentando construções coletivas conectadas aos seus caminhos e estratégias. Entre 2023 e 2024, realizamos onze encontros e reunimos, ao longo desse percurso, comunicadores populares e lideranças de diferentes territórios e organizações. Essa caminhada reforçou para nós que a comunicação popular se constrói com tempo, vínculo, cuidado com as palavras e coerência política.

Trilhas da Jornada

- 6 ações estratégicas em 2023
- 5 ações estratégicas em 2024
- 86 lideranças e coordenações mobilizadas no total
- 180 comunicadores, associados ou parceiros mobilizados no total

Estratégia da Jornada / organizar um percurso comum

A Jornada começou a partir da necessidade de organizar melhor um acúmulo que já vínhamos construindo na Proteja ao lado de diferentes organizações. Em abril de 2023, em Brasília, realizamos uma atividade voltada à estruturação da estratégia da Jornada, reunindo a equipe da Proteja e grupos parceiros que atuam com comunicação, gestão, articulação política e cultura digital. Esse momento contribuiu para definir o formato e a orientação política do ciclo de atividades, impulsionado pelos convites dessas organizações para desenvolvermos processos em conjunto.

Ao longo do percurso, a Jornada se consolidou como nossa estratégia para reunir as diversas experiências que acumulamos em ações com diferentes organizações e, a partir disso, refinar a metodologia O Chão que caminhamos. Nosso objetivo foi organizar essa metodologia para que pudesse ser compartilhada como parte do nosso exercício contínuo de solidariedade junto ao campo político em que atuamos e aos grupos que trabalham com comunicação popular. Nossa intenção sempre foi compartilhar esse caminho para fortalecer outros grupos que também constroem essa prática.

Nesse período aprofundamos nossas reflexões para consolidar aprendizados e organizar uma orientação política e técnica mais nítida sobre nossa caminhada com a comunicação popular. Foi nesse chão que a metodologia foi plantada para florescer.



Comunicação Popular e Resistência Amazônica

Fortalecendo o Encontro de Comunicação das CPTs da Amazônia



Um dos primeiros marcos da Jornada foi o Encontro de Comunicação das regionais da Amazônia da Comissão Pastoral da Terra, realizado em março de 2023, em Alter do Chão, no território indígena Borari. O encontro “Unindo Vozes e Tecendo Redes Amazônicas” reuniu representantes de diferentes estados amazônicos para refletir sobre como fortalecer a comunicação desde a realidade concreta dos conflitos no campo e na floresta. A atividade buscou construir diagnósticos locais, debater desafios e reconhecer potencialidades das regionais, sempre partindo da compreensão de que comunicar é tarefa política, e não apenas técnica.



Protagonismo indígena em movimento

Fortalecendo a comunicação das mobilizações da APIB



A Jornada também esteve conectada com a força nos processos construídos junto à APIB. Ainda no contexto do ATL 2023, a comunicação foi tratada como uma dimensão estratégica da própria governança indígena, com participação direta de comunicadores das organizações regionais e uma coordenação colegiada envolvendo cobertura colaborativa, imprensa, metodologia e produção de conteúdos. Esse modelo fortaleceu a COMunidade APIB, uma frente que conecta e fortalece as comunicações das organizações regionais da articulação, consolidando um espaço político de coordenação da comunicação indígena.

Em 2024, esse caminho se aprofundou com o apoio da Proteja em diferentes frentes. Contribuímos para a construção da Comissão da Trajetória do ATL, que naquele momento fortalecia a caminhada de 20 anos da mobilização. Atuamos no planejamento da comunicação para fortalecer a metodologia de uma coordenação indígena colegiada, com envolvimento da COMunidade APIB nas ações de organização e cobertura da mobilização. Também contribuímos para a produção da revista oficial do ATL como ferramenta de memória da mobilização, além de apoiar a organização e a produção do próprio acampamento.



Foto: @than.pataxo | APIB



Foto: @KamikiaKisedje | APIB



Foto: @than.pataxo | APIB

UNIVAJA

Comunicação com as bases e fortalecimento interno



A experiência com a UNIVAJA foi uma das expressões mais nítidas da comunicação como ferramenta de fortalecimento interno. Em 2023, a Jornada apoiou a formação política e técnica de comunicadores de base da organização, com oficinas de foto, vídeo, texto e áudio, além de debates sobre fluxos e estruturas de organização interna. Como resultado, houve uma maior aproximação entre comunicadores de diferentes frentes da organização e o mapeamento das estruturas de comunicação já existentes, o que contribuiu para fortalecer a construção de um projeto. Esse processo também apoiou o início da reorganização do site institucional da UNIVAJA e da identidade visual da organização.

Em 2024, retornamos a Atalaia do Norte para dar continuidade ao processo de fortalecimento da UNIVAJA, com a elaboração do primeiro Plano de Comunicação da organização. Nesse momento, a UNIVAJA já estruturava sua frente de comunicação, com pessoas dedicadas à coordenação e ao desenvolvimento de projetos voltados aos comunicadores indígenas de sua base. Ao longo de duas semanas de trabalho intenso, realizamos diálogos e produções que envolveram comunicadores e lideranças da organização, com foco em fortalecer a comunicação com as bases, valorizar as línguas indígenas, qualificar os canais institucionais e reforçar a governança política da comunicação. O processo incluiu trocas entre comunicadores e lideranças históricas, registros de memórias, além da construção de materiais a partir de grafismos tradicionais de diferentes povos, que passaram a compor a identidade visual e os canais da UNIVAJA. Como parte da metodologia, apresentamos e validamos coletivamente uma proposta preliminar do plano ainda durante a atividade, garantindo alinhamento com as expectativas da organização e consolidando um documento conectado às suas estratégias de luta.



ANMIGA

Comunicação em Marcha



Em setembro de 2023, a Jornada foi realizada junto às comunicadoras de base da ANMIGA, em preparação para a III Marcha das Mulheres Indígenas. A atividade reuniu coordenação executiva e comunicadoras da rede para fortalecer a comunicação política das mulheres indígenas que atuam em diferentes frentes durante a marcha. O processo se vinculava a um acúmulo mais longo da Proteja com a ANMIGA desde 2021, no fortalecimento da luta das mulheres indígenas por visibilidade, poder e defesa dos territórios.

A partir dos aprendizados das etapas anteriores, a Proteja também elaborou, imprimiu e distribuiu uma cartilha de Comunicação Popular durante a formação. O gesto sintetiza o que a Jornada buscava fazer: não apenas realizar atividades, mas deixar ferramentas que pudessem circular, ser apropriadas e fortalecer as próprias mulheres indígenas em seus processos de comunicação e mobilização.



COIAB no Clima Construindo “A RespostaSomos Nós”



Em 2024, a Proteja apoiou diretamente a COIAB na concepção e lançamento da campanha **A RespostaSomos Nós**, uma iniciativa estratégica para afirmar os povos indígenas como protagonistas da defesa climática. A campanha foi encampada por diversas organizações de base, incluindo a APIB e a Aliança Global de Comunidades Territoriais, e a Proteja contribuiu com estratégias de comunicação, materiais visuais e articulação política.

A parceria incluiu também o Encontro Estratégico de Comunicação e Incidência Climática da COIAB, em Manaus, voltado à construção de planejamento rumo à COP30. Esse processo reuniu lideranças e comunicadores indígenas dos nove estados amazônicos para elaborar uma estratégia robusta de comunicação e incidência sobre as pautas climáticas de 2024 e 2025.

Foi um passo decisivo porque ajudou a tornar ainda mais nítida a conexão entre comunicação popular, clima, território e incidência política em escala amazônica.



MAB-MT Construindo memória da resistência



O processo com o MAB-MT integrou comunicação como memória e organização popular diante dos impactos de grandes empreendimentos. A partir das ações da Jornada, contribuimos para a construção da proposta, organização da produção, realização, lançamento e mobilização do documentário Arinos: Uma história única de um filme repetido, articulado junto ao Movimento dos Atingidos por Barragens de Mato Grosso. Esse percurso conectou a comunicação à estratégia política, transformando experiências de luta em narrativas públicas alinhadas às mobilizações.

O documentário registra a luta da Rede Juruena Vivo e das comunidades afetadas pela UHE Castanheira, evidenciando impactos ambientais, culturais e sociais, além da ausência de consulta às comunidades indígenas. A exibição e o debate realizados durante o segundo semestre de 2024, em 5 municípios de Mato Grosso, consolidaram esse processo como uma ação de mobilização, ampliando o alcance das denúncias e conectando diferentes sujeitos em torno da resistência.



Foto: Ahmad Jarrad | @a.lente



Até o Tucupi Cultura como resposta à crise climática



Entre 20 e 30 de novembro de 2024, em Manaus, foi realizado o Até o **Tucupi 2024 | Festival pelo Clima**. A mobilização consolidou uma ação importante, no contexto da Jornada, para a compreensão e incidência da Proteja no debate climático, afirmando a cultura como caminho de enfrentamento à crise climática e de articulação entre diferentes territórios, coletivos e organizações comprometidas com a justiça climática e social na Amazônia.

Ao longo de dez dias, o festival realizou 27 atividades, mobilizou 62 grupos e movimentos e impactou diretamente cerca de 10 mil pessoas. Entre suas iniciativas centrais, destacou-se o Encontro Amazônico sobre Crise Climática, que reuniu 62 organizações e coletivos para debater COP30, justiça climática e enfrentamento das desigualdades socioambientais.



Foto: Alonso Junior | @alonsojunioram



Foto: Ahmad Jarrad | @a.lente



Foto: Alonso Junior | @alonsojunioram



Foto: Alonso Junior | @alonsojunioram



Comunicação popular, cultura e clima em movimento

O Circuito foi concebido como um ciclo de ação articulada capaz de combinar escuta, planejamento estratégico, produção de conteúdos, mobilização pública e valorização da cultura como parte da luta por justiça climática. Seu ponto de partida foi o reconhecimento de que os efeitos da crise climática não se manifestam apenas no meio ambiente, mas também no apagamento de histórias, na violência simbólica e no deslocamento de narrativas sobre os territórios e seus povos.

Por isso, o trabalho foi estruturado em torno de três eixos centrais:

- comunicação popular como ferramenta de mobilização, incidência e construção de autonomia;
- cultura como expressão viva dos territórios e resistência à colonização;
- clima como eixo transversal, diretamente ligado aos conflitos territoriais e às desigualdades produzidas pelo modelo de desenvolvimento vigente.

O que o Circuito fortaleceu

- planos e diagnósticos institucionais
- identidade visual e linguagem própria
- redes internas de comunicadores
- articulação entre comunicação e governança
- estratégias de continuidade e implementação
- presença pública conectada ao território



Foto: Ahmad Jarrad | @a.lente

5. nosso Circuito

Se a Jornada ajudou a criar raiz, o Circuito foi o tempo de ampliar o caminho.

O Circuito Proteja para fortalecer mobilizações de Comunicação Popular, Cultura e Clima é fruto do acúmulo construído nos anos anteriores e da necessidade de aprofundar a atuação junto a organizações e territórios com processos mais enraizados e mais estruturantes. Nossa proposta foi de ampliar nossas relações políticas para fortalecer a comunicação popular como ferramenta de mobilização e incidência, articulada à cultura como expressão viva dos territórios e ao clima como dimensão concreta dos conflitos e desigualdades que atravessam a vida dos povos.

Na primeira etapa do Circuito, a Proteja atuou junto à **COAPIMA, Abrinjor, e Conselho Indígena Tapajós Arapiuns (CITA) e conectamos a mobilização do Festival O Futuro se Faz em Luta com o MAB/MT, em Sinop.** Em cada caso, o trabalho partiu da escuta, respeitou os tempos e formas de cada organização e resultou em instrumentos concretos de continuidade. Nossa intenção era ir além de responder a demandas pontuais com o Circuito. Buscamos fortalecer processos políticos mais amplos ligados à defesa da terra e da autonomia dos grupos aliados.

COAPIMA

Comunicação como eixo de organização e horizonte político



A etapa com a COAPIMA foi um marco importante do Circuito. Entre os dias 24 e 28 de março de 2025, em Imperatriz (MA), a Proteja apoiou metodologicamente o Encontro Estratégico de Comunicação da organização, reunindo lideranças indígenas, ex-coordenadores, representantes da Articulação das Mulheres Indígenas do Maranhão (AMIMA), comunicadores de três regiões do estado, parceiros institucionais e membros da equipe técnica. O processo foi construído em diálogo com a própria COAPIMA, respeitando sua estrutura organizacional, suas comissões internas e sua lógica de decisão coletiva.

Como principal resultado da etapa, foi elaborado de forma coletiva o primeiro Plano de Comunicação da COAPIMA, que estabelece diretrizes estratégicas para os próximos quatro anos, articula a comunicação com os demais setores da organização, define objetivos, públicos, frentes de atuação e canais prioritários e reforça a rede de comunicadores indígenas como eixo estruturante da ação. Também foi produzido o Relatório de Sistematização do Encontro e foram validados os elementos da nova identidade visual e do manual de marca, conectando linguagem visual e projeto político. A clareza do plano, sua linguagem acessível e o foco na formação de base foram apontados como pontos de destaque do processo.



Abrinjor

criar base para uma rede nacional de indígenas jornalistas



Com a Abrinjor, o Circuito apoiou uma iniciativa em fase de estruturação, mas com enorme potência política. A rede reúne indígenas jornalistas de diferentes povos, biomas e regiões do Brasil, e sua criação responde à necessidade de construir espaços próprios de comunicação, formação e atuação política para comunicadores indígenas que atuam tanto dentro das comunidades quanto nos meios jornalísticos tradicionais. O apoio da Proteja reconheceu essa articulação como estratégica para o fortalecimento da comunicação indígena em escala nacional.

Durante o primeiro semestre do projeto, foram desenvolvidas três frentes de trabalho: apoio à construção institucional da rede, com assessoria técnica para elaboração de projeto, orçamento inicial e definição de objetivos estratégicos de captação; condução do processo de criação da identidade visual institucional, com base em oficinas de escuta e referências simbólicas indicadas pelos próprios integrantes; e realização de dois encontros estratégicos voltados à organização interna e à consolidação de uma identidade coletiva.



CITA

Fortalecimento institucional e resistência no Tapajós



Junto ao **Conselho Indígena Tapajós Arapiuns (CITA)**, o Circuito integrou um processo de fortalecimento institucional e comunicacional vinculado à defesa do território e à valorização das histórias, práticas coletivas e estratégias próprias de resistência. O relatório destaca que, no Tapajós, a cultura aparece como resistência climática e que o fortalecimento institucional é condição para continuar protegendo o território diante do avanço da destruição.

Os processos realizados foram construídos com base na escuta das lideranças, equipe técnica e demais participantes, sem aplicação de modelos prontos. As propostas consideraram os recursos disponíveis, os limites operacionais e a forma de organização já existente, garantindo adequação às condições reais da organização. Nos próximos passos, o relatório indica a continuidade de uma proposta de qualificação da coordenação executiva, com base no diagnóstico realizado durante a primeira etapa.



O Futuro se Faz em Luta

Quando o Circuito ganha expressão pública



O Circuito também desaguou em mobilização. Em outubro de 2025, o festival **O Futuro se Faz em Luta**, realizado em Sinop, deu forma visível a parte importante do acúmulo construído ao longo do percurso, reunindo comunicação popular, cultura e justiça climática em um território marcado por conflitos ambientais e disputas de narrativa. Com formações, visita a áreas afetadas, feira e apresentações artísticas, o festival condensou em linguagem pública aquilo que o Circuito vinha afirmando na prática: comunicar também é mobilizar e disputar imaginários a partir dos encontros.



O que ficou mais nítido no caminho

Ao longo do primeiro semestre de execução do Circuito, consolidaram-se impactos que não podem ser compreendidos de forma isolada. Comunicação, cultura e clima apareceram entrelaçados em cada etapa realizada, como dimensões interdependentes da vida nos territórios e das estratégias de resistência dos povos e organizações. Os resultados não se limitaram à produção de planos, formações ou diagnósticos, mas envolveram transformações políticas, subjetivas e institucionais que reafirmam a potência da comunicação como tecnologia cultural de luta climática.

No Maranhão, a COAPIMA passou a contar com um plano de comunicação validado pelas lideranças, que organiza fluxos internos, define prioridades e fortalece sua presença política nos territórios. No caso da Abrinjur, o Circuito contribuiu para consolidar a rede em sua identidade coletiva, estrutura organizacional e potência política. No Tapajós, a valorização das histórias, trajetórias de luta e práticas coletivas mostrou que a cultura também é resistência climática. Em todos os casos, os resultados foram estruturantes: fortaleceram vínculos internos, reorganizaram prioridades, valorizaram saberes e estratégias próprias e resultaram em instrumentos concretos de continuidade.

Comunicação como tecnologia social e ferramenta política: Os impactos colhidos, abrem novas frentes para continuidade e provocam a ampliação de alianças entre organizações, conectando suas tecnologias políticas vivas.



Foto: Ahmad Jarrad | @a.lente



Foto: Ahmad Jarrad | @a.lente





Foto: Alonso Junior | @alonsojunioram

6. territórios de aprendizagem

Ao longo da Jornada, do Circuito e das experiências públicas que nasceram desse percurso, algumas coisas foram ficando mais nítidas. Não como regra, nem como fórmula, mas como marcas deixadas pelo caminho.

- Comunicação organiza quando nasce junto à estrutura política dos grupos.
- Escuta não prepara o trabalho. Escuta é parte do trabalho.
- Nem toda urgência pede velocidade. Algumas pedem mais chão.
- Cultura não acompanha a luta de fora. Ela sustenta sua permanência.
- Clima não é tema isolado. É disputa sobre território, memória e existência.
- Comunicação com as bases não é detalhe. É condição de força política.
- Facilitar bem um processo não é conduzir de cima, mas criar condições para que ele amadureça com pertencimento.
- Sistematizar também é cuidar da continuidade.
- Produtos importam, mas processos deixam marcas mais duradouras.
- Cada território ensina um ritmo, uma linguagem e uma forma de caminhar.

7. Reflexões que nasceram do caminho

Em meio a este percurso, mais de uma vez ouvimos a mesma pergunta: faz sentido escrever tanto num tempo em que quase ninguém parece ler mais nada? Num mundo apressado, atravessado por excesso de informação e consumo rápido, por que insistir na escrita?

Para nós, essa pergunta importa, mas não como impedimento. Paulo Freire nos lembra que a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Antes de ler textos, os povos já leem a vida, os conflitos, os sinais do tempo e as relações de poder. E é justamente por isso que seguimos acreditando também na importância de escrever: escrever é uma forma de organizar essa leitura do mundo, de devolver em reflexão parte do que a experiência ensinou.

Os textos reunidos a seguir nascem desse compromisso. Não voltam aos temas anteriores para repeti-los, mas para atravessá-los de outro lugar. Se, nos capítulos anteriores, comunicação, cultura, clima e organização apareceram encarnados em experiências concretas, aqui eles reaparecem como matéria de pensamento, numa tentativa de compreender melhor o que essas práticas revelam sobre o mundo em disputa e sobre as formas de sustentar a luta.

Num tempo que nos quer rasos e dispersos, seguir lendo e escrevendo também pode ser uma forma de resistência.



Comunicação, cultura e clima: disputa de mundo, disputa de existência

Ao longo deste percurso, foi ficando mais nítido que comunicação, cultura e clima não são campos separados que, por acaso, se encontraram no trabalho da Proteja. O que a prática foi mostrando é que eles já estavam juntos atravessados dentro das ações que vinhamos realizando. Estavam juntos na forma como a devastação é justificada, na maneira como certos grupos são silenciados, no apagamento das memórias, na desqualificação das culturas populares e na tentativa permanente de transformar a destruição em horizonte inevitável.

Por isso, quando falamos desses três campos, estamos nomeando dimensões de uma mesma disputa

A comunicação participa diretamente da construção do mundo social. Ela ajuda a organizar o que pode ser visto, o que merece ser ouvido, quais vidas aparecem como legítimas e quais são empurradas para a margem. Muito antes da invasão de um território, muito antes de uma violência se concretizar em sua forma mais explícita, quase sempre já existe uma narrativa preparando a justificativa para que esses crimes aconteçam. A promessa de progresso, a ideia de vazão verde, a naturalização do sacrifício de alguns lugares e de alguns povos em nome do benefício de outros, fazem parte de argumentos prontos, constantemente aperfeiçoados, como estratégia política para impor lógicas neocoloniais de domínio e exploração.

É nesse ponto que a comunicação popular se afirma como prática política importante na contra-narrativa. Seu papel não é somente responder à mídia dominante ou corrigir informações falsas. Seu papel é disputar as bases sensíveis e políticas pelas quais o mundo é interpretado. Disputar a comunicação, nesse sentido, é disputar quem pode narrar, a partir de onde se narra e quais futuros podem ser reconhecidos como possíveis. Quando as organizações sociais falam de si com suas próprias palavras, imagens, valores e tempos, produzem conteúdos que provocam um deslocamento das narrativas e recusam o lugar que lhes é imposto por uma ordem que sempre tentou falar por elas ou sobre elas.

Mas essa disputa nunca é apenas comunicacional. Ela é também cultural.

A cultura não pode ser pensada como um adorno da luta, como camada posterior ou complemento simbólico de disputas mais “reais”. Cultura é o chão onde se formam pertencimentos, valores, afetos, memórias e horizontes. É nela que se guardam cantos, gestos, grafismos, línguas, ritos, modos de nomear a vida e de transmitir saberes. É também nela que grupos sociais afirmam sua continuidade. Por isso, quando a cultura é atacada, folclorizada, esvaziada ou separada da política, se rompe uma das bases que sustentam a capacidade coletiva de resistir e imaginar futuro.

Toda dominação profunda sabe disso. O colonialismo e o capitalismo não operam apenas pela violência material. Operam também sobre o sensível. Procuram reorganizar o que as pessoas aprendem a admirar, aceitar, temer ou desejar. Procuram impor uma linguagem única para falar de progresso, riqueza, prosperidade, desenvolvimento e sucesso, ao mesmo tempo em que tratam outras formas

de vida como atraso, resíduo ou obstáculo. Por isso, disputar narrativa é também disputar cultura. E disputar cultura é também defender a possibilidade de que outros mundos continuem sendo vividos e reconhecidos como legítimos.

É justamente aí que o clima deixa de ser um tema técnico e reaparece como disputa de existência. Durante muito tempo, a crise climática foi apresentada em linguagem distante da vida real: gráficos, metas, mercados, conferências, siglas, relatórios. Tudo isso tem importância, mas é uma parte desse processo. Quando o clima é tratado como abstração global, se afasta do cotidiano das pessoas e abre espaço para disputas políticas que atendem a interesses econômicos, muitas vezes sustentadas por desinformação, e com teor de cunho religioso. Nesse deslocamento, desaparecem o rio contaminado, a floresta derrubada, a comunidade expulsa, a fumaça que adocece, a roça que não produz e a história interrompida. Fica um grande problema mundial, urgente, que é sistematicamente negado e que ao mesmo tempo distancia as experiências concretas de quem já vive o colapso no corpo e no território.

O que os processos reunidos nas ações da Jornada e do Circuito mostram outra coisa. Mostram que a crise climática não pode ser separada da grilagem, do desmatamento, da mineração, das barragens, da monocultura, do racismo ambiental e da destruição sistemática das condições que permitem a continuidade da vida coletiva. Falar de clima, desde os territórios, é falar de poder. É falar de quais vidas são consideradas sacrificáveis e de quais narrativas são mobilizadas para justificar essa devastação.

Também por isso a crise climática não é uma experiência universal no sentido simplificado em que às vezes é apresentada. Ela não atinge todos da mesma forma, nem distribui igualmente seus danos, responsabilidades e possibilidades de resposta. Há quem lucre com a devastação e há quem precise defender, ao mesmo tempo, a terra, a memória, a água, a cultura, o alimento e o direito de continuar existindo no próprio chão. Quando povos indígenas, comunidades tradicionais, movimentos populares e grupos atingidos falam do clima, eles não estão apenas oferecendo exemplos locais de um problema global. Estão produzindo outra leitura do mundo. Estão lembrando que a devastação não é acidente do sistema, mas muitas vezes o modo normal de funcionamento de um modelo que transforma tudo em mercadoria.

Talvez seja por isso que, ao longo da Jornada e do Circuito, com os festivais, comunicação popular, cultura e clima tenham aparecido cada vez menos como frentes distintas e cada vez mais como partes de um mesmo corpo. No Até o Tucupí, a cultura abriu caminhos para que a crise climática fosse pensada desde a Amazônia e de seus sujeitos vivos. Em O Futuro se Faz em Luta, comunicação, território e justiça climática se articularam publicamente em um espaço marcado pela violência do agronegócio e pelos consensos fabricados da destruição. Nos processos com as organizações, isso também apareceu nos planos, campanhas, identidades visuais, formações e debates internos: comunicar, afinal, era também proteger memória, fortalecer base, afirmar linguagem própria e disputar o sentido da existência coletiva.

No fundo, é isso que este percurso foi tornando mais nítido. Estamos falando da disputa sobre quais mundos podem continuar existindo, quais narrativas vão organizar o senso comum e quais sujeitos terão reconhecido o direito de falar, lembrar, celebrar, resistir e seguir vivos segundo seus próprios valores e formas de vida.

Disputar comunicação, cultura e clima é disputar quais mundos poderão continuar existindo.

Planejar é preciso? Organizar é essencial

Planejar nunca foi estranho à vida coletiva. Antes mesmo de existir plano estratégico, matriz FOFA, cronograma ou teoria da mudança, quem faz luta já precisava parar, pensar, organizar as ideias, combinar caminhos e agir em comum. Mesmo na emergência, a gente arranja um jeito de parar, escutar, pensar e organizar o que precisa ser feito com o que tem, onde está e com quem está junto.

Mas, nos últimos anos, fomos cada vez mais convocados a sistematizar essa prática em formatos reconhecidos institucionalmente, sobretudo os chamados planos estratégicos. Em muitos casos, esse movimento vem acompanhado de pedidos legítimos de parceiros e financiadores, que desejam compreender com mais nitidez os caminhos, objetivos e apostas das organizações que apoiam. O problema não está, necessariamente, em planejar. Está em supor que a luta pode ser organizada pelos mesmos modelos criados para orientar empresas, startups ou instituições guiadas pela lógica da previsibilidade, do controle e da eficiência.

É aí que a inquietação começa: será que a mesma racionalidade que organiza a gestão empresarial serve para orientar a estratégia de um movimento social? Será que a mesma lógica que estrutura um negócio pode dar conta de contextos marcados por conflito territorial, instabilidade política, ameaça permanente, urgência concreta e múltiplas camadas de decisão coletiva?

Os modelos clássicos de planejamento estratégico foram criados em outro chão. Eles surgem no campo da administração e da gestão organizacional, ganham força na segunda metade do século XX e se consolidam como forma de racionalizar decisões, prever cenários, distribuir tarefas e alinhar meios e fins. No papel, a lógica parece simples: definir missão, estabelecer metas, analisar contexto, identificar ameaças e oportunidades, construir roteiro. Mas essa simplicidade depende de um pressuposto raramente disponível no campo das lutas: a ideia de que o mundo pode ser suficientemente controlado para que o plano siga seu curso com relativa estabilidade.

É justamente esse pressuposto que começa a ruir quando o planejamento entra em contato com a vida real dos movimentos. Porque a luta não se desenrola em laboratório. Ela acontece em contextos imprevisíveis, atravessados por violências, mudanças bruscas de conjuntura, limitações materiais, ritmos próprios das bases, tensões internas, repressão, deslocamentos e condições muito distintas entre si. Nesses contextos, o modelo linear tende a falhar. Engessa processos, transforma reflexão em burocracia e produz documentos que às vezes servem mais para prestar contas do que para orientar mudanças reais.

Para quem luta, planejar não é sair de uma sala com um documento fechado para os próximos dois anos. Planejar é reconhecer ciclos, condições, limites, janelas de possibilidade e tempos de amadurecimento. É escutar, sentir, testar, errar e tentar de novo. É vivo, sensível, coletivo. E, sobretudo, político. Por isso, talvez a pergunta mais importante não seja “como aplicar melhor o planejamento estratégico aos movimentos?”, mas “como reinventar a própria ideia de planejamento a partir das experiências de luta?”. O que está em jogo não é rejeitar qualquer forma de organização, mas recusar a importação acrítica de ferramentas pensadas para realidades que não são as nossas. A crítica, aqui, não é ao ato de planejar. É ao uso de modelos que pressupõem estabilidade onde há conflito, controle onde há vida coletiva e linearidade onde há movimento histórico.

Essa crítica se aprofunda quando olhamos para ferramentas mais recentes, como a Teoria da Mudança. Em muitos contextos, ela pode ajudar a explicitar intenções, organizar raciocínio e construir alinhamento entre grupos. Mas mesmo aí permanece a pergunta: até que ponto mudanças complexas podem ser desenhadas por cadeias lineares de causa e efeito? Em contextos de disputa política, urgência territorial e múltiplas dinâmicas em curso, os efeitos mais transformadores de uma ação muitas vezes não são os previstos no início do caminho. A potência da luta está justamente em sua capacidade de adaptação, escuta e reinvenção.

É nesse ponto que a noção de estratégia emergente se torna mais fértil para pensar o planejamento das lutas. O que costuma ser chamado de improviso ou falta de método é, muitas vezes, uma forma concreta de estratégia viva, construída na prática, em atenção ao contexto, às brechas, ao tempo dos outros e às condições reais das pessoas envolvidas. Planejar, nesses casos, não é fixar o futuro. É construir capacidade coletiva de leitura e ação.

Ao buscar outras referências para pensar isso, buscamos experiências revolucionárias e insurgentes muito distintas entre si: bolcheviques, anarquistas, Panteras Negras, lutas de libertação africanas, zapatistas. O que une esses processos não é um modelo comum, mas a compreensão de que planejar, quando se trata de luta, nunca é neutro. É sempre uma escolha política sobre como, com quem e para quê se constrói o futuro.

Na Revolução Russa, o planejamento aparece como direção estratégica, leitura de conjuntura e disciplina coletiva. Na Revolução Espanhola, como autogestão, assembleia e prática do comum. Nas Panteras Negras, como cuidado radical, autodefesa e construção de soberania no cotidiano. Nas lutas africanas de libertação, como enraizamento, educação política e reconstrução da dignidade coletiva. Nos zapatistas, como escuta paciente, autonomia e recusa da pressa imposta pelo mundo do capital. Em todas essas experiências, o plano não se reduz à técnica. Ele é tática de vida, ética coletiva e compromisso com um projeto de transformação.

Essas referências não aparecem para serem copiadas. Aparecem para deslocar nossa imaginação política. Para lembrar que a luta exige método, mas não se rende a fórmulas prontas. Que planejar não é o contrário da liberdade. Pode ser, ao contrário, uma de suas formas mais radicais, desde que nasça da escuta, da relação com o território, do vínculo entre as pessoas e do compromisso com os sonhos coletivos.

Foi justamente desse acúmulo crítico que nasceu a Jornada de Comunicação Popular. À medida que a Proteja passou a ser convocada por organizações, especialmente do movimento indígena, para apoiar processos de planejamento da comunicação, foi ficando evidente que não bastava aplicar ferramentas já conhecidas. Era preciso construir, junto, outras formas de planejar. Formas que partissem da escuta, da formação política, da troca entre gerações, do fortalecimento da organização interna e do alinhamento entre comunicação e projeto político.

A Jornada não nasceu, portanto, como curso ou oficina no sentido convencional. Ela nasceu como prática metodológica de encontro. Um espaço para apoiar grupos e organizações a pensarem sua comunicação a partir do chão da luta, sem receitas externas e sem separá-la da sua vida política. Em vez de oferecer fórmulas, a proposta foi compartilhar perguntas, caminhos e experiências que pudessem contribuir com o fortalecimento político, comunicacional e organizativo de quem está na linha de frente. Por isso que o verbo mais importante, aqui, não seja exatamente planejar. Mas organizar. Organizar

sentidos, prioridades, vínculos, memória, palavra e direção coletiva. Porque, no fundo, o que as lutas exigem não é apenas um bom plano no papel. Exigem capacidade de preparar o corpo coletivo para atravessar as tempestades sem perder a direção. E isso não nasce de modelo pronto. Nasce de escuta, de enraizamento e de compromisso político com a vida.

**Planejar, então, pode até ser preciso.
Mas organizar, para quem luta, é essencial.**



Foto: Alonso Junior | @alonsojunioram

8. o que segue em movimento

Nenhum caminho coletivo termina exatamente onde um ciclo formal se encerra. Alguns deixam documentos, produtos, registros. Outros deixam algo mais difícil de medir, mas talvez mais importante: mudam a forma como certas organizações, redes e territórios passam a se reconhecer, a se comunicar e a projetar seus próximos passos.

Este percurso deixa um pouco de tudo isso.

Deixa planos de comunicação, campanhas, identidades visuais, sistematizações, festivais, processos de formação e materiais que podem seguir sendo usados, revisitados e transformados. Mas deixa, sobretudo, um acúmulo político e metodológico que não cabe apenas no que foi entregue. Deixa vínculos fortalecidos, repertórios compartilhados, experiências de troca entre gerações, maior nitidez sobre o lugar da comunicação nas lutas e a confirmação de que não existe fortalecimento comunicacional sem enraizamento nas bases, no território e na visão política de cada organização.

Talvez esse seja um dos efeitos mais importantes deste ciclo: ele não produziu apenas ações concluídas, mas condições de continuidade. Em alguns casos, isso aparece em estruturas internas mais fortalecidas. Em outros, em redes de comunicadores mais articuladas, em campanhas que ganharam escala, em linguagens visuais mais coerentes com a identidade dos povos, em festivais que criaram presença pública, em processos de planejamento que deixaram capacidade instalada. Em todos, aparece a mesma lição: comunicação popular só ganha densidade quando se conecta à vida real dos grupos e aos seus próprios modos de organização.

Também fica mais nítido, ao final desta travessia, que apoiar comunicação popular segue sendo uma escolha estratégica. Não porque ela resolva sozinha os conflitos do presente, mas porque sem ela as lutas perdem parte de sua capacidade de articulação, memória, incidência e permanência. Em um tempo atravessado por violência política, desinformação, aceleração das redes e aprofundamento da crise climática, sustentar processos comunicacionais enraizados é parte da defesa da vida.

Este material, portanto, não encerra um caminho. Apenas reúne algumas de suas marcas. O que foi vivido entre a Jornada, o Circuito, os festivais e os processos de reflexão continua nas organizações, nas bases, nos territórios e nas perguntas que seguem abertas. Continua nas palavras que ganharam mais força, nas alianças que se adensaram, nos aprendizados que ainda vão se transformar em outras práticas.

O futuro, afinal, não apareceu pronto em nenhum momento desta travessia. Ele foi sendo construído nas escutas, nas escolhas, nos encontros e nas formas coletivas de sustentar a luta em meio às violências do presente.

E é por isso que seguimos caminhando.



material aberto

Esta publicação está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-Compartilha Igual 4.0 Internacional.

Você pode:

- **Compartilhar:** copiar e redistribuir o material em qualquer meio ou formato
- **Adaptar:** remixar, transformar e criar a partir do material

O licenciante não pode revogar essas liberdades desde que você siga os termos da licença.

Sob os seguintes termos:

- **Atribuição |** Você deve dar crédito apropriado, fornecer um link para a licença e indicar se foram feitas alterações. Você pode fazer isso de qualquer maneira razoável, mas não de maneira que sugira que o licenciante endossa você ou o seu uso.
- **Não Comercial |** Você não pode usar o material para fins comerciais.
- **Compartilha Igual |** Se você remixar, transformar ou criar a partir do material, você deve distribuir suas contribuições sob a mesma licença que o original.



chega mais

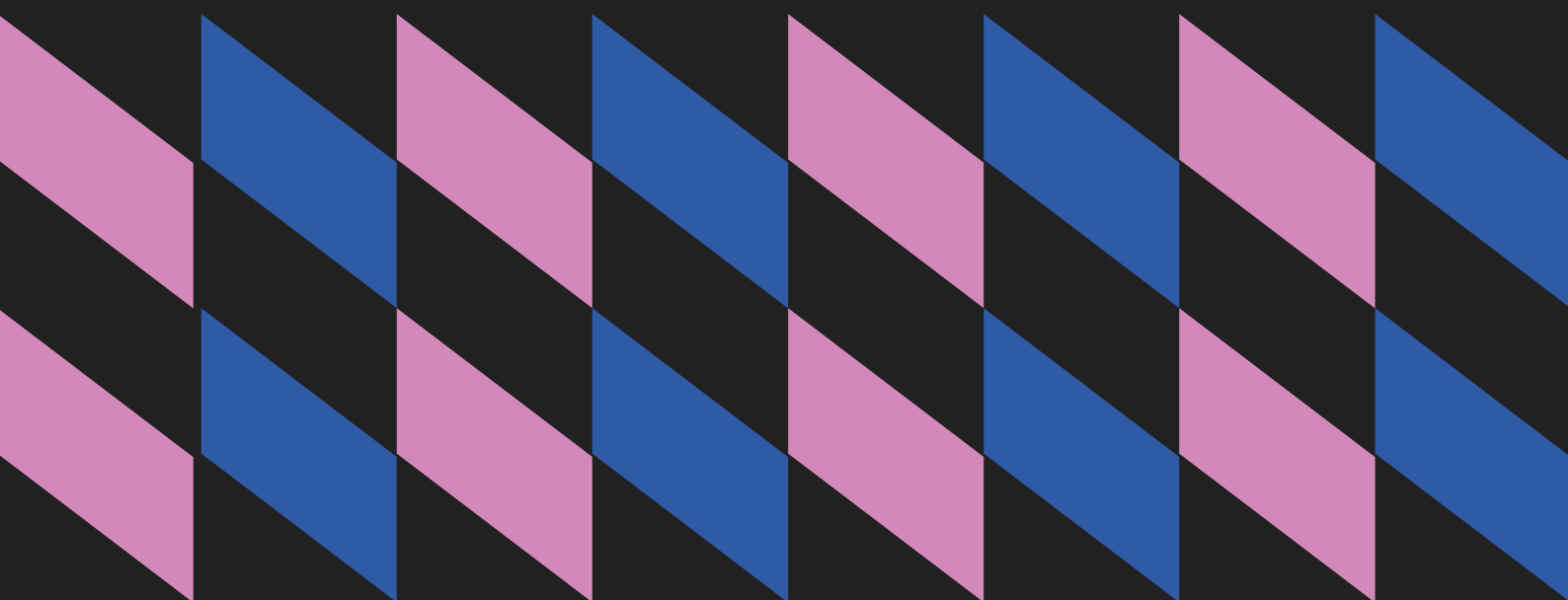
Queres dialogar com a gente sobre este material ou outros assuntos? entre em contato pelos canais:

- ✉ contato@aproteja.org
- 📞 (92) 9442-7322

Acesse nosso site aproteja.org e conheça outros trabalhos desenvolvidos por nós



a proteja



aproteja.org